

CONGRESSO: MERCADO DE CAPITAIS TEM PAPEL INDISPENSÁVEL PARA DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

Evento fruto da parceria ANBIMA e B3 reuniu mais de mil pessoas nos dias 3 e 4 de setembro em São Paulo. Agenda de propostas elaborada pelas duas entidades com medidas para fortalecer os mecanismos de financiamento de longo prazo foi o pano de fundo de vários debates.



**EDIÇÃO
ESPECIAL**

CONGRESSO
BRASILEIRO DE
**MERCADO
DE CAPITAIS**
2018

O FUTURO DO BRASIL PASSA PELO MERCADO DE CAPITAIS

A união de forças da ANBIMA com a B3 levou à realização do Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais. Com ricas discussões sobre o segmento e presença de grandes nomes dos mercados nacional e internacional, o evento contou com 1.075 pessoas presentes nos dois dias, 37 palestrantes e mais de 13 horas de programação.

Com a retomada da economia e às vésperas de uma eleição marcada pela incerteza, o mercado de capitais tem papel ainda mais relevante no futuro do Brasil. Essa foi a conclusão de José Carlos Doherty, nosso superintendente-geral, e de Gilson Finkelsztain, presidente da B3, na abertura do evento em São Paulo. "Vamos cansar de repetir que o mercado de capitais é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento não só econômico, mas também social do Brasil", afirmou Doherty.



JOSÉ CARLOS DOHERTY
(ANBIMA)

Fotos: BM Produções Fotográficas

Para Finkelsztain, o mercado de capitais já conta com o suporte e a infraestrutura necessários para transformar o sonho de crescimento do Brasil em realidade. "No passado, o Brasil não perdeu a oportunidade de desperdiçar as oportunidades. Chegou a hora de mudar essa história", disse.

Autoridades do Ministério da Fazenda, da CVM, do Banco Central e do BNDES também estiveram presentes na abertura. Três condições necessárias para voltar à rota de crescimento foram destacadas por Eduardo Guardia, ministro da Fazenda: o teto de gastos, a reforma da previdência e a reforma tributária.

"A questão central é a da despesa. Não há alternativa que não torná-la declinante e o teto é muito importante nesse ajuste", afirmou. O ministro disse ainda que, para esse mecanismo ser crível, a reforma da previdência é absolutamente necessária, assim como a discussão sobre a questão tributária.

O tópico foi reforçado pela secretária-executiva do ministério, Ana Paula Vescovi, que também comentou os bons números do mercado de capitais nos últimos anos. "Há mais emissões, que significam mais recursos sendo captados, a taxas muito menores. Isso desonera o governo e a sociedade ganha", afirmou.



GILSON FINKELSZTAIN
(B3)

FORTALECER O SEGMENTO EXIGE REDUÇÃO DE CUSTOS

Em outra frente, Marcelo Barbosa, presidente da CVM, reforçou o empenho da autarquia em reduzir custos de observância – gastos que as instituições têm para atender às exigências dos reguladores. "Ainda em 2018, editaremos uma instrução que eliminará as redundâncias das regras, o que deve afetar cerca de 19 normas", disse. Nos próximos quatro anos, a diminuição de custos deverá andar lado a lado com o desenvolvimento de projetos.

Adequar os custos regulatórios ao tamanho dos participantes do mercado para incentivar os negócios também é uma das bandeiras do Banco Central, de acordo com Reinaldo Le Grazie, diretor de Política Monetária da autarquia. "Debêntures, notas e ações estão crescendo bastante. Nosso objetivo é continuar promovendo a inovação e mantendo o ambiente propício para novos entrantes", disse.



MARCELO BARBOSA
(CVM)



ANA PAULA VESCOVI
(MINISTÉRIO DA FAZENDA)



REINALDO LE GRAZIE
(BANCO CENTRAL)

CONGRESSO BRASILEIRO DE
MERCADO DE CAPITAIS
2018



EDUARDO GUARDIA
(MINISTÉRIO DA FAZENDA)



CONGRESSISTAS



LYWAL SALLES FILHO (ANBIMA)



BIRA (MÚSICO)



CHRISTIAN EGAN (ITAÚ UNIBANCO), ROBERTO CAMPOS (SANTANDER), RENATO EJNISMAN (BRADESCO), DANIEL LEMOS (XP) E JOSÉ EDUARDO LALONI (ANBIMA)



JOÃO VITOR MENIN (BANCO INTER), EUGENIO MATTAR (LOCALIZA), PIERO MINARDI (WARBURG PINCUS) E ANA CARLA ABRÃO (OLIVER WYMAN)



ÁREA DE RELACIONAMENTO



CARLOS AMBRÓSIO, JOSÉ CARLOS DOHERTY E JOSÉ EDUARDO LALONI (ANBIMA)



CLAUDIO FERRAZ (PUC RIO) E JAMES ROBINSON (UNIVERS. DE CHICAGO)



JOSÉ CARLOS DOHERTY (ANBIMA) E GILSON FINKELSZTAIN (B3)



DYOGO OLIVEIRA (BNDES) E SANDRO K. MARCONDES (SANTANDER)



PEDRO RUDGE E RICARDO ALMEIDA (ANBIMA)



PEDRO BIAL (JORNALISTA), SOROCABA (EMPRESÁRIO), NELSON JOBIM (EX-MINISTRO) E LILIA SCHWARCZ (HISTORIADORA)



DANIEL MAEDA (CVM) E LUIZ SORGE (ANBIMA)



CRISTIANO CURY (BTG PACTUAL), MIGUEL SETAS (EDP BRASIL) E JOSE GUILHERME CRUZ (VINCI PARTNERS)

EXPANSÃO DO MERCADO DEMANDA SIMPLIFICAÇÃO DE REGRAS E AMPLIAÇÃO DA BASE DE INVESTIDORES

AMPLIAÇÃO DE INVESTIDORES

Atrair investidores auxiliará na expansão do segmento. Quando se trata de pessoas físicas, um desafio é a educação financeira. Hoje os agentes de mercado precisam estar mais preparados que há 15 anos, quando a indústria era focada em produtos indexados ao DI. A maior complexidade dos investimentos demanda mais informações para a tomada de decisão. Já para atrair estrangeiros, é preciso resolver o risco cambial e a insegurança jurídica, comentou Laloni. Para Roberto Campos, do Santander, uma forma de aumentar a segurança é ter mais criatividade para oferecer hedge.

A cada 1% de crescimento na relação entre o tamanho do mercado de capitais e o PIB, o Brasil ganha 0,3% de aumento de renda per capita, que chegaria a quase R\$ 39 mil em 2022 – um aumento de 12%. Essa é uma das conclusões do estudo que realizamos em parceria com a B3 para medir os impactos que um mercado de capitais desenvolvido traria para o país.

O estudo indica que podem ser gerados 1,7 milhão de empregos adicionais; um incremento de 18% nos investimentos em infraestrutura; adicional de R\$ 1 trilhão na arrecadação de impostos; e a renda per capita poderia chegar a R\$ 38,8 mil. Tudo isso até 2022. Para concretizar essa perspectiva, é necessário transpor entraves e aprimorar processos. Esse foi o mote da primeira mesa do evento.

SIMPLIFICAÇÃO DAS REGRAS

"Há uma série de questões fundamentais para aumentar a produtividade e a eficiência do mercado", disse Renato Eijnisman, do Bradesco. O tempo de colocação da oferta e os custos de emissão e de observância são grandes desafios. Para Daniel Lemos, da XP, as regras rígidas concentram emissões nos mesmos setores. "Isso impacta o mercado de assets. Os fundos diversificam menos com as mesmas empresas e setores nas carteiras", disse. "A complexidade das regras também dificulta as emissões. A Instrução CVM 601, que altera a 400 e a 476, foi um passo para a simplificação, mas há uma longa trilha a ser percorrida", ressaltou Cristian Egan, do Itaú-Unibanco.

BNDES

A atuação do banco de fomento é essencial. "O BNDES é um dos melhores analisadores de projetos do país e, mesmo com menor participação, continuará sendo relevante e ajudará a fazer a roda do Brasil girar mais rápido", destacou José Eduardo Laloni, nosso vice-presidente.

Outro público é o de investidores institucionais, representados pelos fundos de pensão. Eijnisman comenta que a maioria deles focava as carteiras em títulos públicos, mas, com a queda da Selic, terão que procurar outras formas de remuneração, o que será um incentivo ao financiamento de longo prazo. É preciso, no entanto, flexibilizar algumas restrições a esses fundos, como possibilitar a aquisição de emissões de SPEs (Sociedades de Propósito Específico). Atualmente, a maior parte dos projetos de infraestrutura é tocada por essas sociedades.

CONFIRA O DOCUMENTO NA ÍNTEGRA:
<https://bit.ly/2Nee49Y>



LALONI: "PARTE IMPORTANTE DOS FINANCIAMENTOS DEVERÁ MIGRAR PARA O SETOR PRIVADO"

Depois de apresentada no Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais, a **Agenda ANBIMA e B3: Caminho para o Desenvolvimento** está agora sendo distribuída para órgãos de governo, autoridades, formadores de opinião e membros do Legislativo. Em parceria com a B3, estamos empenhados em disseminar essas propostas. José Eduardo Laloni, que assumiu como nosso vice-presidente em setembro (ele está na Diretoria desde 2014), conta mais detalhes sobre a agenda em entrevista exclusiva.

O QUE MOTIVOU A CRIAÇÃO DE UMA AGENDA PARA O MERCADO DE CAPITAIS?

A ANBIMA e a B3 são as principais representantes do mercado de capitais brasileiro. Estamos às vésperas de uma eleição presidencial, o que evidencia questões fundamentais, como o modelo de financiamento de longo prazo que será adotado pelo novo governo. Já é praticamente consenso que parte importante dos financiamentos de projetos, antes bancados por recursos públicos, precisará migrar para o setor privado. Essa é uma discussão urgente, para a qual precisamos encontrar alternativas, e uma delas é o mercado de capitais.

Sabemos também que explicar o funcionamento do mercado para a sociedade é desafiador. Esse foi um de nossos estímulos: mostrar de forma tangível o que um mercado de capitais dinâmico poderia proporcionar ao Brasil em termos de renda, emprego, arrecadação e investimentos.

Junto a isso, consolidamos a agenda ANBIMA e B3, com o conjunto de iniciativas que consideramos essencial para o fortalecimento do mercado, para que ele tenha condições de estimular os indicadores socioeconômicos que tratamos na primeira parte do estudo. Apresentamos esse trabalho para as equipes dos presidentes durante o congresso e seguimos levando a agenda aos candidatos e autoridades nos vários níveis de governo.

QUAIS OS PRINCIPAIS PONTOS DESSA AGENDA?

Ela está baseada em cinco grandes linhas: fomentar o financiamento de longo prazo, ampliar o volume de emissões, aumentar a base de investidores, estimular a liquidez e a formação de poupança. Para cada item, há um conjunto de propostas, mas não se tratam de mudanças drásticas. São aprimoramentos que prezam pela simplificação e harmonização de regras com os mercados internacionais. Defendemos, por exemplo, a atuação conjunta entre o mercado e o BNDES, o fortalecimento das agências reguladoras e o aumento da segurança jurídica como forma de atrair o capital privado e órgãos multilaterais de financiamento.

O QUE AINDA FALTA PARA QUE O MERCADO DE CAPITAIS BRASILEIRO ESTEJA ALINHADO AO DE PAÍSES MAIS DESENVOLVIDOS?

Temos um mercado de capitais entre os mais sólidos do mundo, com regulação e autorregulação que são referências internacionais. A infraestrutura e as regras que dão condições para alavancar o mercado já existem, mas ainda há muito espaço a crescer dadas as necessidades do país. O que inibe a expansão são aspectos estruturais, como a instabilidade macroeconômica, a insegurança jurídica e a falta de previsibilidade, que geram incertezas para os investidores.



CHRISTIAN EGAN (ITAÚ UNIBANCO) E ROBERTO CAMPOS (SANTANDER)

FINANCIAMENTO DE LONGO PRAZO VIA MERCADO CRESCE, MAS AINDA ESTÁ AQUÉM

O mercado de capitais tem aumentado sua participação nos investimentos em infraestrutura. "Nos primeiros seis meses de 2018, o BNDES desembolsou R\$ 11 bilhões e tivemos R\$ 10,7 bilhões de debêntures. O mercado já está aí, mas ainda precisa crescer muito" afirmou Dyogo Oliveira, presidente do banco de fomento.

A opinião é compartilhada pelas empresas. Segundo Miguel Setas, da EDP Brasil, quando a companhia chegou ao Brasil há 10 anos, 70% de seus projetos eram financiados pelo BNDES. "Hoje, 70% vêm do mercado", pontuou. Grande parte dessas emissões deveria ficar com investidores institucionais como fundos de pensão, que, segundo José Guilherme Cruz Souza, da Vinci Partners, estão em busca de segurança. "Procuramos os segmentos de menor risco, como o de energia", disse.

A importância das pessoas físicas foi ressaltada pelo moderador Cristiano Cury, do BTG Pactual. "Elas trazem uma grande dinâmica de liquidez, mas são necessários mais players", disse. Ampliar a base de investidores, porém, passa por padronizar as ofertas, na opinião de Sandro Kohles Marcondes, do Santander. "Emissões não padronizadas dificultam a entrada de segmentos que não participam do mercado", disse.



CRISTIANO CURY (BTG PACTUAL)



MIGUEL SETAS (EDP BRASIL)

MERCADO É FUNDAMENTAL PARA DEMOCRATIZAR INVESTIMENTO NO PAÍS

Os benefícios para as empresas que acessam o mercado são inúmeros. "Traz visibilidade, contato permanente com investidores e qualidade de governança, o que tira a dependência da indústria bancária", afirmou o CEO da Localiza, Eugenio Mattar.

O Banco Inter abriu capital na B3 em abril. "É um prazer saber que o mercado está pronto para casos peculiares como o nosso, que fomos a primeira fintech a fazer um IPO (Oferta Pública Inicial de Ações)", contou o CEO João Vitor Menin. Piero Minardi, do Warburg Pincus, destacou a importância do private equity. "É um capital que traz crescimento, gera emprego, formaliza empresas e aproxima o empresário de inovações tecnológicas", contou.

Os executivos concordaram que a regulação não pode ser rigorosa a ponto de travar o acesso de empresas menores. A moderadora Ana Carla Abrão, da Oliver Wyman, lembrou que já está na agenda da CVM, apoiada pela ANBIMA e pela B3, reduzir custos de observância – gastos que as empresas têm para implementar as regras do órgão regulador.



PIERO MINARDI (WARBURG PINCUS)



ANA CARLA ABRÃO (OLIVER WYMAN)

BRASIL PRECISA VOLTAR A CRESCER: ECONOMISTAS DE CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DEBATEM FUTURO DO PAÍS



PERSIO ARIDA (PSDB) E MÔNICA BERGAMO (JORNALISTA)

Os planos de governo e as medidas para a retomada do crescimento foram debatidos pelos economistas dos principais candidatos à Presidência da República com moderação da jornalista Mônica Bergamo. Eles concordaram que o mercado de capitais é crucial para estimular os investimentos de longo prazo e receberam nossa agenda de iniciativas em parceria com a B3 para fortalecer o segmento.

Persio Arida (PSDB) defendeu a menor participação do BNDES e criticou a atuação do banco no governo petista, com "absurdos" como o financiamento de um porto em Cuba e de linhas do Metrô.

Para Diogo Costa (Novo), o BB está "maduro suficiente para ser privatizado", a Caixa deve abrir mão da gestão do FGTS e o uso de fintechs deve ser estimulado para aumentar a concorrência. Ele defendeu os financiamentos de venture capital e o fortalecimento do mercado secundário de debêntures.

A atuação social dos bancos públicos, estimulando a bancarização da população, é defendida por Márcio Pochmann (PT), que falou sobre o fim da isenção tributária de lucros e dividendos das empresas abertas. O papel do BNDES é financiar o investimento privado de longo prazo, defendeu Nelson Marconi (PDT). "O mercado e o setor público devem caminhar juntos", afirmou.

Os candidatos Jair Bolsonaro (PSL) e Marina Silva (Rede) não enviaram representantes ao debate.



NELSON MARCONI (PDT), MÁRCIO POCHMANN (PT) E DIOGO COSTA (NOVO)

INOVAÇÃO E PRODUTIVIDADE SÃO ESSENCIAIS PARA DESENVOLVIMENTO NO LONGO PRAZO

Os economistas James Robinson, professor da Universidade de Chicago, e Pedro Malan, ex-ministro da Fazenda, demonstraram confiança na capacidade de retomarmos o rumo do desenvolvimento, apesar dos retrocessos econômicos dos anos recentes. Estimular a inovação, o empreendedorismo e a competição é fundamental para gerar riqueza em longo prazo. "É preciso criar instituições inclusivas, em que todos possam competir", disse Robinson.

Para Malan, além de manter a inflação baixa e o câmbio flutuante, o país precisa enfrentar o ajuste das contas do governo. "Manter as finanças públicas em ordem é uma condição indispensável para que possamos tratar de outros objetivos mais importantes do desenvolvimento econômico e social nas áreas de educação, saúde, segurança e meio ambiente", afirmou.

O nosso maior desafio é político, disse Robinson. "Sou otimista com relação ao Brasil, desde a redemocratização muitas coisas deram certo. O combate à corrupção, por exemplo, não resolve todos os problemas, mas é a coisa certa a fazer", acrescentou.



JAMES ROBINSON
(UNIVERSIDADE DE CHICAGO)



PEDRO MALAN
(EX-MINISTRO DA FAZENDA)

O MUNDO PRECISA ESTAR PREPARADO PARA UMA ECONOMIA DE BAIXO CARBONO

As mudanças climáticas alteram a matriz de riscos das organizações e isso deve ser observado de perto pelas empresas e pelos investidores na hora de avaliarem seus negócios. "Precisamos estar preparados para uma economia de baixo carbono, minimizando riscos físicos e de transição", afirmou Denise Pavarina, do Bradesco e nossa ex-presidente. Ela moderou o painel sobre sustentabilidade, que abriu o segundo dia de evento.

Para ela, é necessário atuar na governança, com planejamento estratégico, gerenciamento de riscos e métricas capazes de medir

resultados. Luiz Osorio, da Vale, compartilha da mesma opinião: "é importante termos métricas capazes de nos levarem aos lugares certos. O que você não mede, você não gerencia", afirmou. É preciso também comunicar esses resultados, de acordo com Carlos André, da BB DTVM e nosso vice-presidente. "Só assim o investidor terá condições de avaliar esse trabalho", disse. Denise reforçou a importância de iniciativas como a força-tarefa, estabelecida pelo FSB (Financial Stability Board), para divulgar informações financeiras relacionadas a riscos climáticos.



CARLOS ANDRÉ (ANBIMA), **LUIZ OSORIO** (VALE) E **DENISE PAVARINA** (BRADESCO)

TALKS: TRÊS ASSUNTOS, TRÊS EXPERTS E 15 MINUTOS DE PROVOCAÇÕES

FAKE NEWS

O consumidor de notícias e vídeos se tornou também produtor de conteúdo. "Essa mudança, somada às redes sociais, ao advento da inteligência artificial e aos bots, levou o compartilhamento de notícias falsas a um outro patamar", disse Ronaldo Lemos, advogado, professor e pesquisador brasileiro. Ele contou que esse fenômeno atinge as esferas pública e privada, com consequências sobre os negócios e sobre o mercado de capitais.



RONALDO LEMOS
(ADVOGADO)

CORRUPÇÃO

A quantidade de dinheiro na política aumentou cinco vezes em 20 anos. "Os brasileiros ficaram mais amantes da pátria? Talvez. Mas talvez tenha outra coisa que explique esse movimento: política no Brasil virou um negócio", provocou Claudio Ferraz, economista e professor da PUC Rio.

Ferraz afirmou que as empresas recuperam o dinheiro que investem na política. "Pode ser em contratos com governo, proteção de mercado contra concorrentes, acesso a crédito mais barato – fatores importantes para aumentar a produtividade", explicou. Esse cenário faz com que companhias pouco produtivas consigam sobreviver no mercado enquanto outras mais eficazes, que deveriam ter esses benefícios, acabam morrendo.



CLAUDIO FERRAZ
(PUC RIO)

ECONOMIA ESPACIAL

A conquista do espaço com atividades comerciais rentáveis, conhecida como new space, deve movimentar US\$ 3 trilhões nos próximos 30 anos, estima Sidney Nakahodo, CEO da New York Space Alliance e professor da Columbia University. Esse movimento, liderado por megaempreendedores como Jeff Bezos, da Amazon, e Elon Musk, da Tesla, estimula o surgimento de tecnologias que transformarão a Terra. "Falamos não apenas de foguetes ou de satélites, mas também de empresas que usam dados gerados no espaço para agricultura de precisão. Câmeras de celulares e cirurgias de correção de visão têm invenções criadas pela Nasa", exemplifica.



SIDNEY NAKAHODO
(NEW YORK SPACE ALLIANCE)

BRASIL PRECISA DIALOGAR PARA DAR FIM À POLARIZAÇÃO IDEOLÓGICA

Analisar o país de forma crítica foi o mote de um talk show conduzido pelo jornalista e apresentador Pedro Bial. O bate-papo foi animado pelo Quinteto, grupo musical que integrava o Programa do Jô.

Lilia Schwarcz, historiadora e antropóloga, indicou que a origem de boa parte dos problemas de hoje está no nosso passado. A polarização ideológica, por exemplo, já foi observada muitas vezes na história. Para ela, somente o diálogo e o envolvimento da sociedade podem solucionar essa questão. "Há muita descrença e pouco diálogo. Quanto mais pluralidade tivermos, mais ricos seremos", concluiu.

As relações institucionais do Brasil, com a difícil interlocução entre os poderes e o papel assumido pelo Judiciário de moderador desse cenário, foram apresentados por Nelson Jobim, ex-presidente do STF (Supremo Tribunal Federal). "A ausência de líderes partidários fortes no Congresso levou a uma disfuncionalidade do Legislativo que se refletiu também no Executivo", explicou.

As dificuldades de empreender foram trazidas por Sorocaba, empreendedor e músico da dupla sertaneja com Fernando. "O empreendedor no Brasil ainda é muito desvalorizado. Quem gera empregos e tem ideias precisa ser reconhecido. Temos que restabelecer no jovem o desejo de criar algo novo, de empreender", avaliou. Para fechar a noite, Sorocaba deu uma palhinha de uma de suas canções.



LILIA SCHWARCZ
(HISTORIADORA E ANTROPÓLOGA)



NELSON JOBIM
(EX-MINISTRO E EX-PRESIDENTE DO STF)



PEDRO BIAL (JORNALISTA) E **SOROCABA** (CANTOR E EMPRESÁRIO)



Publicação mensal com as principais notícias institucionais da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
www.anbima.com.br

Redação: Fernando Casagrandi, Flávia Nosralla, Giovanna Bambicini, Milton Gamez, Paula Diniz e Thaís Pessoa

Edição: Maríneide Marques

Projeto gráfico: Atelier Carta Comunicação e Projetos Especiais

Rio de Janeiro: Av. República do Chile, 230 – 13º andar – CEP 20031-170 – Tel: + 21 3814 3800

São Paulo: Av. das Nações Unidas, 8501 – 21º andar – CEP 05425-070 – Tel: + 11 3471 4200

Presidente: Carlos Ambrósio

Vice-Presidentes: Carlos André, Flavio Souza, José Eduardo Laloni, Luiz Sorge, Miguel Ferreira, Pedro Lorenzini, Ricardo Almeida e Sérgio Cutolo

Diretores: Adriano Koelle, Alenir Romanello, Fernando Rabello, Jan Karsten, Julio Capua, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Lywal Salles, Pedro Juliano, Pedro Rudge, Reinado Lacerda, Saša Markus e Teodoro Lima

Conselho de Ética: Valdecyr Gomes (presidente) e Luiz Maia (vice-presidente)

Comitê Executivo: José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Francisco Vidinha, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Eliana Marino, Lina Yajima, Marcelo Billi, Soraya Alves e Thiago Baptista